

Entrevista 09

Entrevista em 01 de fevereiro de 2007 com a Yalorixá Lissá com a participação do estagiário Bruno.

Mãe Lissá: Meu pai-de-santo (Zan ou Zambi de Xangô) era Jeje Marrim, veio da Bahia lá da casa de Ventura no **“Póserrem”**. Ele era de Manaus, mas veio pra cá pra fazer obrigação com meu pai de santo, que é meu avô. Já ouviu falar em Antônio Coutinho? Então, era meu avô de santo, de **Oxumbei**, que morava em São João. E meu pai foi lá e fez obrigação com ele. Falar em Oxumbei todo mundo conhece.

ML: Mãe Omindarewá é um docinho né. Eu fui na casa de santo dela com um filho de Nitinha, de Oxossi, esse menino até faleceu. Ai chegou lá filha, o que que aconteceu com ela. Era festa das águas de Oxalá, tudo bem né, tem várias pessoas e a gente vai. Aí eu fui pra festa minha filha só pra ver entrar, ver tudo, vamos, a procissão, vamos embora né? Olha minha filha, que decepção que eu tive na minha vida. Porque quem teve que fazer a procissão fui eu, com meu santo. E aí? Omindarewá veio de peito com ele e caiu todinho junto com ele “minha mãe pelo amor de Deus”. Ela tem um carinho especial, uma coisa muito linda. Olha, quando eu cheguei no barracão, me acordei no barracão, eu parecia que estava dentro d’água. Sabe quando você sai de algum lugar que está molhado? Eu tava toda, corpo, roupa toda molhada. O santo do rapaz foi embora e eu que fiz a coisa. Não vou mais, eu?! Não vou mais não filha, eu queria olhar né. Lá na nação nossa é muito difícil ter essas coisas, difícil ter um deles que faz. Então eu queria ver meu Deus, é tão diferente da gente ver, é tão bom, meu pai de santo nunca fez lá, nunca vi o santo dele fazer nada. Minha filha, eu fui lá só pra ver, chegar lá pra não ver nada. Mais aí ela falou “não, é que você minha filha, minha querida, você é mais antiga que o dono da casa”. E o que que tem isso? Quem tem que fazer era ele, não é festa dele? Entendeu? Não resta dúvida que eu fui tratada muito bem, como rainha, como tudo, mas, eu queria participar né? Aí não fui mais.

Márcia: O terreiro foi inaugurado quando?

ML: 22 de agosto 1968. A data de fundação da minha casa.

M: A sua feitura de santo?

ML: 15 de agosto de 64. Estou quase com 43, to chegando lá.

M: A sua data de nascimento.

ML: 31/03/47, é uma festa muito bonita mas, depois com minha mãe doente, eu parei tudo.

M: A senhora é nascida no Rio né?

ML: Sou carioca da gema, sou do candomblé, gosto de carnaval, gosto de passear bastante, de desfilar, tudo.

M: Seu pai-de-santo Zan de Xangô esta vivo?

ML: Não, meu pai tem 23 anos que se foi, ele faleceu 9 de março de 83.

M: E hoje a senhora tem outro pai de santo?

Entrevista 09

ML: Não, eu na mesma nação não tem. Eu, quando meu pai faleceu, eu dei uma obrigação pra Jorge de Iemanjá, que também é falecido. Aí depois passou um tempo, eu dei obrigação, de 21 anos que eu tenho que fazer que meu pai exigiu. Eu levei 10 anos sem fazer nada, aí meu santo exigiu que eu desse obrigação de 21 anos. Aí eu fiz lá a obrigação com “Aydê de Possu”, foi no ano retrasado, foi 30 de agosto de 2005. E daí que não me raspou, não fez nada, só deu comida a meu santo, e eu continuei dando comida. Hoje eu dou comida para o meu santo e outro pro meu **“Pejiló”**. Ele que desce e vem matar pro meu santo.

M: Na sua nação então não tem mão de fome?

ML: Não

M: E faz axexê?

ML: Faz, mas quando faz é **sirrun**.

M: Tem aqueles prefeitos de um ano, de casa fechada?

ML: Eu, a minha casa eu não pude fechar, por que meu pai faleceu aqui entendeu? Xangô não deixou, porque eu sou herdeira de Airá e ele não me deixou fechar a casa. E depois de 3 anos eu assentei, eu tive que acomodar o Xangô do meu pai-de-santo, porque os meus irmãos não tinham onde enfiar o santo dele e queriam que eu fosse apanhar ele. Mas eu fui lá, procurei e não achei. Ele faleceu e pediu pra mim pra que eu botasse dentro da minha casa, então eu tenho dois, de Airá da casa do meu pai que ficou pra mim né. Eu tive que ajeitar o Xangô da casa do meu pai de santo. Daí eu faço a festa de Airá, todo ano eu dou comida pra Xangô. Dia 6 de junho eu dou comida aos mestres de... a obará né. Dia 12 eu dou comida aos Xangôs de dendê, é, afonjá, afonjá agora em junho e “dalú”. Dia 6 do 6 dou comida a Obará, 12 do 6 pra Xangô, de 1 à 30 de junho equivale à Xangô.

M: Tem festa de calendário no ano?

ML: A minha é, junho, é Xangô, mês de agosto é **“balu” é o “rolin”** né, faço Olubajé, da segunda pra terceira semana. Outubro, festa dos erês. E dezembro, dia 12 do 12 eu dou comida aos doze ministros (de Xangô), essa só na **“lai** de roda” e, no primeiro sábado eu faço a “teve pequena”, a festa das labás (próximo sábado da dos doze ministros de Xangô).

M: A senhora é de Oxalá com?

ML: Eu? Eu sou de Oxum e Obá. Oxum no Jeje se chama Azerí e Obá é Obá mesmo. Tenho um Orixá, ela e as labás.

M: E vira nos dois mesmo?

ML: É assim, por exemplo, Oxalá leva 5, 6 anos, quando vem repete, uma vez é um homem, outro o homem vira ela, um outro homem vira a cabeça de uma outra.

M: Essa casa sua aqui é própria?

ML: Eu moro aqui vai fazer 46 anos.

Entrevista 09

M: E quando comprou a casa foi para fazer o terreiro ou fez depois?

ML: Não, fez depois, essa era a casa da minha mãe e do meu pai né, daí tivemos que fazer a obrigação de santo. Eu tive que abrir meu barracão, minhas carreiras que meu santo queria. E quando eu fiz santo e eu com um ano, o próprio yerê do meu pai falou “vai-se os filhos, mas só eu tenho o cargo” . Depois de 3 anos meu pai começou esse barracão com um tanto de gente. Aí meu pai pegou e falou, “resolve tudinho, vamos lá resolver, vamos fazer nosso barracão”. Aí foi fazer a casa depois, no morro.

M: Sempre foi assim ou foi mudando, a forma da arquitetura?

ML: Sempre foi assim, era assim, depois eu aumentei (...), agora que eu parei de fazer as coisas, pra resolver a vida da minha mãe, pra voltar minha vida né, voltar tudo. Ela esta muito abatidinha, mal conseguindo comer, ruim das pernas...

Eu não bebo e não fumo, o pessoal lá da escola fica doido comigo. Não enche meus olhos, eu sinto o problema que eu tenho, genético, eu tomo e, então eu tenho que saber de mim, depois não adianta fazer besteira e dar trabalho pros outros. Eu sei muito bem do meu problema.

M: Essas casinhas aqui (ao lado do barracão) são os roncós de santo?

ML: Não, essas aqui não, essa é quando minha outra(...) que separou do marido e veio morar aqui. Daí aqueles quartos de lá pra lá são. Lá tem de Exu, que até fazendo obra. Então o primeiro é de Exu, o segundo é de Omolú, ali tem até uma obrigação pra uma menina que esta muito mal.

M: A gente pode dar uma olhadinha aqui fora?

ML: Pode, vamos lá.

Olha aí, o meu barracão era até aqui olha (um quarto com porta que fazia parte do barracão), mas aí eu fiz esse quarto aqui porque eu não tinha como ficar com a minha mãe, minha mãe sozinha, por isso eu tive que largar tudo, pegar tudo que é meu e enfiar aqui dentro, aí é um quarto sala. Minha casa era grande, era ótima, tive que largar tudo e vir pra cá.

Esse aqui é meu caboclo e os santos estão tudo aqui fora, mas com chuva fica tudo feio entendeu? Daí eu boto perto de terra pra poder sumir. Mas eu falei com minha filha e ela disse mãe, quando as coisas acalmar, vamos colocar aqui no terreiro, entendeu? Pra ajeitar mais.

Bruno: Mas eles sempre ficaram aqui ou estão só agora?

ML: Sempre.

Bruno: E aquela casinha ali?

ML: Aquela é o roncó da minha mãe, o santo era da minha mãe. Isso é antigo né, da minha santa, coisa da minha vóia, eu nem mexo em nada, isso é coisa dela, tudo. O que é dela é dela, não se pode tirar porque...
Jeje Marrim.

Bruno: Esse é o mesmo ou esse é outro (quarto de santo)?

ML: Esse é Xangô, é santo de dendê. Isso é tudo obrigação.

Entrevista 09

Bruno: Essa casa é o que?

ML: É o salão do meu filho (salão de beleza). Isso aí é coisa de neto pra vó e de vó pra neto.

Bruno: Esta primeira aqui(casa/quarto)?

ML: É de Exu. Esta terminando de construir pra gente poder fazer as outras.

Tenho minha mãe, tenho meus netos. Meu filho é cabeleireiro, dono daqui, o outro esta fazendo faculdade de administração, ele fez técnico e ao mesmo tempo estudou, e estou vivendo.

Olha bem, ela estando bem, eu não quero nada, eu não quero que Deus me dê nada, assim de riqueza, eu quero que ele dê sabe o que? A senhora bem e a minha paz, isso pra mim é muito importante, a senhora estar bem. Todo dinheiro do mundo filha, resume nisto, nela estar bem, é a única coisa que eu tenho na vida, ela, mas Deus sabe o que faz e o que não faz.

M: O Ogan não ajuda muito né?

ML: Não, não, vem aqui pra tocar, entendeu? Foi suspenso, o meu neto que saiu aí, meu neto é suspenso, aqui.

M: Tem cargos na casa?

ML: Tem uma filha-de-santo minha que é, tem uma que é de laogan, entendeu? tem a ladagan, ladogan, tem a outra, como é que é o nome..., acho que é só.

M: Yabassé?

ML: Tem, tem a de Oxossi, tem a de Iansã (Yabassé). É, mas não tá vindo aqui, está muito mal. **Ialaxé**, é de Oxossi, tem uma outra aí que eu esqueci agora.

M: A senhora tem algum cargo além do de mãe-de-santo?

ML: “De iadora”?

M: Porque tem gente que às vezes recebe outros cargos de outras casas....

ML: Não, eu nunca fui pra casa de ninguém, não, pelo amor de Deus não, Deus me livre! Se no meu já pesa, entendeu? Já sou herdeira! Entendeu? Ainda, não, não, não, Deus me livre... Pai. Meu pai, chega.

M: A vida dentro do candomblé pra senhora foi espontânea?

ML: É, tive que fazer santo né filha? Eu era doente. Desde os cinco anos até eu fazer santo tinha bronquite asmática, entendeu? Então, minha filha, vivia com balão de oxigênio, ia pro hospital, tinha que ficar parado, um dia, dois, voltava. Quando eu fui ficando com dezesseis pra dezessete anos limpou, limpou tudo, eu dei Graças a Deus, meu Pai. Graças a meu Pai daquele dia em diante eu nunca mais tive crise, entendeu? E aquilo foi sumindo, sumindo, cada dia, né? Nunca mais. Então, minha filha, eu tenho que agradecer por tudo isso, entendeu?

Então minha filha, Oxalá é muito importante pra mim.

M: Tem alguma história do terreiro que a senhora gostaria de contar, alguma coisa importante desses anos todos?

ML: Não, aqui é tudo normal. Tem uma filha-de-santo que freqüentou esses dias, é a..., laquiquerê, “la” dela é a mãe do meu neto **“Xiqueluta”** de Oxum. Tem uma outra, a Bete, lassebexê, aí tem uma outra também, e aí varias né.

M: E aqui vocês tem alguma Associação?

ML: Não, eu não faço não, sabe por quê? Porque tem gente que acha que você quer aquele dinheiro pra viver, eu não, eu digo não preciso. Eu não tenho aqui um homem que toma conta de tudo, entendeu? Eu sou uma mulher sozinha. Eu não tenho marido. Tenho marido, mas ele vive pra lá e eu aqui, entendeu? Não quero. Então eu não tenho uma pessoa que vive aqui. O meu mora em Petrópolis, só que esta com 81 anos, não tem condição, entendeu? Então, eles quando vem aqui tem que fazer alguma coisa pra Oxalá, que ele desce, ter que fazer alguma coisa pra ele, dar comida pro seu santo, é uma coisa, aí eles vêm, entendeu? Eles são caseiros, tomam conta de um sitio da família Tamoio, aquele que foi prefeito. Então, só vem aqui esporadicamente, entendeu? Nessa época eles sempre podem sair de lá. A minha filha ligou ontem pra mim né, a filha dele e falou assim “Mãe, a gente não ta podendo descer porque ta em obra aqui e a gente esta tomando conta de tudo”. Mas ela trabalha, ela é enfermeira, trabalha no centro cirúrgico, então não pode descer(...), ela faz tudo por mim. Meu pai não pode, então ele só vem assim quando tem alguma coisa pra fazer, entendeu? É assim.

M: É tudo com dificuldade mesmo...

ML: É, mas também se não tiver aí, a gente não tem(...). graças a Deus, a gente tem uma vida boa, graças a Deus esta vivendo, não tem mais pessoas lá que eu cuido do santo, tem uma menina lá de “Lessem” que eu..., tem, casa, todos tem casa. E é muito doente, então daí pra cá pra fazer, todos de longe, Juiz de Fora (...).

M: E eles ajudam financeiramente a casa?

ML: Ah, de vez em quando.

M: Não tem mensalidade, nada?

ML: Nada, já não tenho jeito de conta, eu não quero botar a mão, certo? Porque vai dizer “Ah, vai pegar um dinheiro”, entendeu? Você sabe a língua do povo como é que é, você não fala e ela não fala, mas ele vai falando, então eu tenho muito medo. Eu corro atrás do meu prejuízo, faço tudo, pago tudo, tudo que eu tenho que fazer, eu não quero, que depois vão dizer que ah, que ela tá vivendo com um dinheiro que o pessoal esta dando, eu não quero, entendeu? Eu gosto de viver daquilo que é meu.

Trabalho hoje, amanhã, não posso sair mais como eu fazia. Eu trabalhava muito, viajava muito, agora não posso, estou eu e minha mãe. Mas eu tenho certeza que ela vai ter uma melhora. Eu tive que viajar, se minha filha puder ficar com ela eu vou, se ela não puder eu não vou.

Depois do carnaval eu tenho um Yaô pra recolher, de “uma menina” de lemanjá, está muito mal, não anda na rua sozinha. Eu disse: “Você vai, que aí eu vou te botar no hospital, e você vai tomar duzentas injeções”.

Entrevista 09

M: E vocês recolhem o Yaô aonde aqui?

ML: Lá (pequena entrada no barracão, do lado da moradia). Lá dentro. Tem o roncó, tem o quarto do meu santo. Ta tudo lá atrás.

M: Então ainda tem mais coisa pra cá?

ML: Tem o quarto que tem, eu não pus ele aqui na frente porque ele não gosta que ninguém passe, quando vira na porta dele, gente fumando e o pessoal falando coisa que não deve, ele não gosta que ninguém faça isso, que ele ia se aborrecer. Então, que eu fizesse um canto pra ele lá nos fundos, que ele não quer ninguém na porta dele, sabe coisa de velha chata? Ele é assim.

M: Como é que é o nome aqui da casa?

ML: Lê Axé Lissá Vodun, tinha ali na parede.

M: Tem aqui por perto algum outro terreiro?

ML: Tem, aqui, o Damião de Oxalá, não essa casa aqui a outra, que é filho de Nitinha, ele é homem e esta recebendo obrigação. Ele é de **Oxalufan**, ter três Oxá na cabeça, ter um só já me pesa muito, não quero mais do que isso.

Bruno: É antigo esse terreiro dele?

ML: É de 80. Tem outro da Mãe Olga de 86, é minha afilhada e eu sei a data direito né.

M: Tem algum outro terreiro que a senhora gostaria de indicar desses antigos assim? A senhora conhece o terreiro Palácio de Oxalá em Miguel Couto?

ML: Há, já ouvi falar muito desse aí, ha minha filha, eu não sei, aqui minha filha a gente não sabe nem onde tem nada.

M: Lá é Jeje não é? É por isso que eu estou perguntando.

ML: Eu não sei, será que é? Tem que saber qual deles né, eu sou Marrim. Eu sou da família de..., lá da curva do "S", eu sei que é em São Matheus, lá da casa de Menininha de Oxum, já foi?

M: Eu fiz o contato com ela ontem, que chama Meninazinha, aí segunda feira eu vou confirmar a visita.

ML: Ela é um doce, mas tem uma subida... ela é filha de santo de "Bocamo de Ogunjá". É lá em São Matheus, mas ela é um doce. É antiquíssima ali.

Tem Pedrinho aqui, eu não sei o nome da rua, vou manter contato com ele e depois tenho contato contigo. Minha barca era do pai dele, pai dele faleceu, depois era a irmã dele, a irmã dele também faleceu, quem faz as coisas lá é ele agora. É de Ogun.

M: Mas tem muitos anos?

ML: Já. O pai dele era Ogan de lá da casa de Iansã, lá na rua Pocoti. Ele era Ogan lá da casa de Senhora, ele e a irmã, é Apófonjá. A tem muita gente.

Tem uma amiga minha aqui e a menina teve o vírus da tuberculose, filhinha, ebó tirou. Aí ale ficou muito mal, e eu só com ebó, ebó, ebó ebó, botei na porta do cemitério, botei na porta do hospital, botei não sei aonde, fiz tudo, dei comida

Entrevista 09

ao santo, deu comida à Exu. Sarou, esta perfeita. O médico perguntou o que você andou fazendo pra ficar boa assim tão rápido? Ebó .

M: Qual é seu nome mesmo?

ML: Sueni, Passos da Silva. Eu sou uma das famílias Silva, Passos do meu pai e Silva do homem que eu casei um dia.

Bruno: E a relação de vocês com a comunidade como é?

ML: Eu me dou com todo mundo, moro aqui há muitos anos, só falta me dar com os cachorros. Todo mundo vem aqui em casa, a minha mãe antigamente era rezadeira local né, eu agora não estou deixando mais. Mas todo mundo diz “a, vamos na Mariazinha, dona Mariazinha”, todo mundo vem atrás dela, ontem mesmo veio.

Márcia: Sua mãe esta com quantos anos?

ML:Minha mãe com 80, vai fazer 81. Minha mãe é de 24 de junho, de 26.

Bruno: E aqui vocês fazem alguma atividade voltada para a comunidade?

ML: Não, não faço. Vem as pessoas aqui, mas agora as coisa estão muito perigosas. Ontem mesmo teve um tiroteio aqui de tarde. Meu filho agora parou, mas ele fazia pagode aqui, a maioria vinha tudo pro pagode do meu filho, parou. Meu filho é querido aqui, nascido e criado no local. O rapaz que trabalha com ele também é conhecido aqui. E tem a mãe de santo desse rapaz também, não sei se vocês conhecem, conhece o Paulo da Pavuna?

Márcia: Só de ouvir.

ML: Sei que é Paulo, só não sei o nome, tem o Paulo daqui, esse é antigo, ele era filho da falecida Tia Dólia, tia desse Pedrinho, ela também. Tem o Paulo da Pavuna aqui ele é de Oyá, e deve ter outras pessoas, dessas antigas. Tem “Robson de Ogun”.